

A Família Dienstmann

Boletim Informativo de distribuição gratuita entre os descendentes dos Imigrantes

Johann Jacob Dienstmann e Maria Eva Mayer

Redação e expediente: Rua Cel. Travassos, 490 - Novo Hamburgo - RS - CEP 93415-000

Descendentes responsáveis: Adriano A. Dienstmann (0XX51 587.2626) e Roberto Dienstmann (0XX51 587.2887)

CHEGOU A HORA DA DESPEDIDA

Depois de quase seis anos de circulação ininterrupta esta é a última edição do Boletim Informativo da Família Dienstmann.

Uma despedida sempre é dolorosa e todos procuram evitá-la ao máximo. Mas há situações em que ela precisa ser enfrentada.

O Boletim teve um começo tímido, em meados de 1997, às vésperas do I Grande Encontro. Sem experiência em jornalismo, mas sentindo a falta de um meio de comunicação entre os descendentes, tomamos coragem e fomos à luta. Os primeiros exemplares eram remetidos para cerca de 300 famílias. Com o tempo evoluímos na forma, no conteúdo e na qualidade da impressão e atualmente o enviamos a 900 famílias de descendentes residentes em diversos países, além de Escolas, Consulados, Museus, Jornais, historiadores e estudiosos da imigração.

Creiam, não é fácil tomar uma decisão como esta, entretanto não podemos ignorar a realidade, que muitas vezes é dura e implacável.

Desde o início lutamos contra a escassez de recursos financeiros; mas sempre achávamos uma maneira de superar as dificuldades e manter o Boletim circulando.

Chegou o dia, porém, em que nos vimos sem alternativas: a absoluta falta de recursos nos venceu.

Contudo, os descendentes Dienstmann podem se sentir orgulhosos de seu Boletim. Jornais de grande circulação, como NH (de Novo Hamburgo) e Zero Hora, chegaram a fazer matérias de página inteira enfatizando sua existência.

Além disso, não há qualquer registro de que outra família tenha tido iniciativa semelhante.

Para nós, seus responsáveis, foi motivo de extremo orgulho e imensa alegria ter participado de sua elaboração: pensar nos assuntos a ser publicados, planejar a capa, fazer as entrevistas, escrever os textos, tirar as fotos, formatar e diagramar tudo para levar à gráfica, conferir a impressão, envelopar, etiquetar e, finalmente, entregar no correio para a remessa ao destinatário. Essa seqüência de tarefas repetiu-se 23 vezes nos últimos seis anos.

Apesar da despedida, toma conta de nós um profundo sentimento de satisfação do dever cumprido. No decorrer desses seis anos muito aprendemos sobre a descendência Dienstmann, inúmeros novos amigos foram feitos, muitos documentos e fotos foram localizados e acrescentados ao acervo da família. Estamos convencidos de que o Boletim, enquanto existiu, atingiu o seu objetivo de informar e obter informações, de divulgar ao grande público o que é feito em termos de resgate histórico-cultural, de fazer com que o descendente sentisse orgulho de sua origem, de estreitar os laços de família e de amizade, enfim, de engrandecer e tornar ainda mais respeitável o já consagrado acervo da Família Dienstmann.

Ressaltamos que a pesquisa genealógica não sofrerá interrupção. A página da Família Dienstmann na Internet será mantida e as mensagens eletrônicas (e-mail) serão, daqui para a frente, o nosso meio de comunicação.

Somos profundamente gratos aos cerca de 70 descendentes que até aqui tornaram possível o Boletim com suas contribuições financeiras.

Da mesma forma agradecemos aos que colaboraram com material para publicação, como



notícias, fotos e textos variados.

Oxalá o futuro, esperamos que bem próximo, nos reserve a grata surpresa de ver o Boletim retomado, com novas idéias e novas cabeças pensantes.

Adriano A. Dienstmann (e-mail: adienstmann@percon.com.br)

Roberto Dienstmann

Quatro gerações em Igrejinha



Na foto ao lado aparecem as descendentes Rosa Emilia Arnold Dienstmann, 96 anos, a filha Cecília Dienstmann, a neta Nair Terczinha Dienstmann e a bisneta Amanda Roberta Stein

Para os Maiores de 30 Anos

Texto enviado por Elty Clair Koch Blauth

Sobrevivemos!

Não posso acreditar que fizemos isso!

Olhando para trás, é duro acreditar que estejamos vivos até hoje.

Nós viajávamos em carros sem cintos de segurança ou air bag.

Não tivemos nenhuma tampa à prova de crianças em vidros de remédios, portas, ou armários e andávamos de bicicleta ou moto sem capacete, sem contar que pedíamos carona.

Bebíamos água direto da mangueira e não da garrafa.

Nós gastamos horas construindo nossos carrinhos de rolimã para descer ladeira abaixo e só então descobríamos que tínhamos esquecido dos freios.

Depois de colidir com algumas árvores, aprendemos a resolver o problema.

Saiamos de casa pela manhã e brincávamos o dia inteiro, só voltando quando se acendiam as luzes da rua. Ninguém podia nos localizar. Não havia telefone celular.

Nós quebramos ossos e dentes, e não havia nenhuma lei para punir os culpados. Eram acidentes. Ninguém para culpar, só a nós mesmos.

Nós tivemos brigas e esmurramos uns aos outros e aprendemos a superar isto.

Nós comemos doces e bebemos refrigerantes mas não éramos obesos.

Estávamos sempre ao ar livre, correndo e brincando.

Compartilhamos garrafas de refrigerante e ninguém morreu por causa disso.

Não tivemos Playstations, Nintendo 64, vídeo games, 99 canais a cabo, filmes em vídeo, surround sound, celular, computadores ou Internet.

Nós tivemos amigos. Nós saíamos e os encontrávamos. Íamos de bicicleta ou caminhávamos até a casa deles e batíamos à porta. Imagine tal coisa! Sem pedir permissão aos pais, por nós mesmos! Lá fora, no mundo cruel! Sem nenhum responsável! Como fizemos isso?

Nós fizemos jogos com bastões e bolas de tênis e comemos minhocas e, embora nos tenham dito que aconteceria, nunca nossos olhos caíram ou as minhocas ficaram vivas na nossa barriga para sempre.

Nos jogos da escola, nem todo o mundo fazia parte do time. Os que não fizeram, tiveram que aprender a lidar com a decepção...

Alguns estudantes não eram tão inteligentes quanto os outros. Eles repetiam o ano! Que horror! Não inventavam testes extras. Éramos responsáveis por nossas ações e arcávamos com as conseqüências.

Não havia ninguém que pudesse resolver isso.



A idéia de um pai nos protegendo, se desrespeitássemos alguma lei, era inadmissível! Eles protegiam as leis! Imagine só isso!

Nossa geração produziu alguns dos melhores compradores de risco, criadores de soluções e inventores. Os últimos 50 anos foram uma explosão de inovações e novas idéias.

Tivemos liberdade, fracasso, sucesso e responsabilidade, e aprendemos a lidar com isso.

Você é um deles.

Parabéns!

Autor desconhecido

"Eduquem as crianças
e não será preciso punir os homens"

Dito brasileiro

Demonstrativo Financeiro do Boletim



Entre 30/nov/02 e 27/mar/03 os doadores para o custeio do Boletim foram Nilda Dienstmann Hack e Ronald Dienstmann e este é o resumo da movimentação financeira:

Saldo em 30/nov/02	R\$ 1.649,65
+Doações para o Boletim	R\$ 130,74
+Venda de fitas do II Encontro	R\$ 40,00
-Impressão Boletim 22.....	R\$ 418,00
-Tarifas bancárias	R\$ 31,38
-Correio Boletim 22	R\$ 401,05
-Etiquetas	R\$ 12,80
-Previsão despesas Boletim 23	R\$ 850,00
=Saldo disponível após Boletim 23	R\$ 107,16

"Toda a humanidade pertence a um só autor
e é um só volume"

John Donne

Nascimentos:

Deniz Blauth Bastian: no dia 11/nov/02, na Austrália. Deniz é filho de Sandra Elisa Blauth e Fabio Bastian

Sophia Blauth da Silva: no dia 04/fev/03, em Novo Hamburgo. Sophia é filha de Michaela Blauth e Jeferson da Silva

Pedro Blauth Poli: no dia 25/fev/03, em São Paulo. Pedro é filho de Deise Eliana Blauth e Luis Fernando Poli

Casamentos:

Anselmo Herrmann com Silvia Regina Winter: no dia 20/dez/2002, em Porto Alegre. Anselmo é filho de Lila Dienstmann e Oswaldo Herrmann

Miriam Dienstmann com Márcio Stein: no dia 08/fev/03, em Santa Maria. Miriam é filha de Rita Siqueira e Cesar Dal Pai Dienstmann

Falecimentos:

Hélio Magnus Ohlweiler: no dia 16/dez/02, em Novo Hamburgo, aos 81 anos. Nasceu no dia 11/nov/21. Deixou os filhos Astor Jacó e Paulo Jacó

Amélia Dienstmann: no dia 23/jan/03, em Santa Rosa Baixa, Igrejinha. Nasceu em 20/set/25. Casou-se com Thealmo Oscar Dienstmann e tiveram 2 filhos: Osmar Oscar e Helena

Erna Elvira Koch La Bradbury: no dia 10/mar/03, em Parobé. Deixou os filhos Albino Carlos e Carmen

Elisabeth Schoppe Dienstmann: no dia 11/fev/2003, em Porto Alegre. Nasceu em 11/3/1916, casou-se com Henrique Alonso Dienstmann e deixou os filhos Vera Beatriz e Henrique Alonso Filho



LAMENTAR AQUILO QUE NÃO TEMOS É MENOSPREZAR O QUE JÁ POSSUÍMOS

LEMBRAS DE MIM?

Autor desconhecido

Quando você se levantou pela manhã, eu já havia preparado o sol para aquecer o seu dia e o alimento para a sua nutrição. Sim, eu providenciei tudo isso enquanto vigiava e guardava o seu sono, a sua família e a sua casa. Esperava pelo seu "Bom dia"! Mas você se esqueceu...

Bem, você parecia ter tanta pressa que eu lhe perdoei.

O sol apareceu, as flores deram o seu perfume, a brisa da manhã o acompanhou e você nem pensou que eu é que havia preparado tudo para você.

Seus familiares sorriram, seus colegas lhe saudaram, você trabalhou, estudou, viajou, realizou negócios, alcançou vitórias, mas... você nem percebeu que eu estava cooperando com você... eu sei, você corre tanto... eu lhe perdoei.

Você leu bastante, ouviu muita coisa, viu mais ainda e não teve tempo de ler ou ouvir minha palavra.

A chuva que caiu à tarde foram minhas lágrimas por sua ingratidão, mas foram também a minha bênção sobre a terra para que não lhe falte o pão e a água.

Você trabalhou, ganhou dinheiro, que não foi mais porque você não me deixou ajudar.

Mais uma vez, você se esqueceu de mim. Esqueceu que eu desejo sua participação no meu Reino, com sua vida, seu tempo, seus talentos e seu dinheiro também.

Findou o seu dia. Você voltou para casa.

Mandei a lua e as estrelas tornarem a noite mais bonita para lembrar-lhe do meu amor por você.

Certamente, agora você vai dizer um "Obrigado" e "Boa noite"...

Psiu... está me ouvindo?... Já dormiu...

Que pena! Durma bem. Eu ficarei velando por você.

Eu sou o Senhor teu Deus!



"O mundo não está como queremos, mas certamente está melhor do que merecemos."

Autor desconhecido

Charadas

Colaboração de Yvonne Dienstmann

1 - Qual o alimento ao qual antepondo uma letra e colocando-lhe um chapéu, passa a fazer parte da família?

2 - É um verbo usado constantemente. Acrescente-se uma parte muitíssimo usada do corpo. Juntos, são parte da família. O que é?

3 - Ele alimenta humanos e animais. É gostoso e forte e é um vegetal. Trocando-se-lhe a inicial, possibilita a continuação da família. O que é?

Solução no fim da página

"A vida é um mistério para ser vivido e não um problema para ser resolvido"

Autor desconhecido

Humor

O mendigo e a senhora:

-O pão que a senhora me deu ontem fez-me lembrar a minha antiga profissão.

-Então já foste padeiro?

-Não senhora, fui pedreiro.



Lençol Sujo

Texto enviado por Régis Feldmann

Um casal, recém-casado, mudou-se para um bairro muito tranqüilo.

Na primeira manhã que passavam na casa, enquanto tomavam café, a mulher reparou através da janela em uma vizinha que pendurava lençóis no varal e comentou com o marido.

-Que lençóis sujos ela está pendurando no varal! Está precisando de um sabão novo. Se eu tivesse intimidade perguntaria se ela quer que eu a ensine a lavar as roupas!



O marido observou calado.

Alguns dias depois, novamente a mesma situação se repetiu.

E assim, a cada poucos dias a mulher voltava a fazer o mesmo comentário a respeito dos lençóis da vizinha; e o marido nada respondia.

Passado um mês a mulher se surpreendeu ao ver os lençóis muito brancos sendo estendidos e, empolgada, foi dizer ao marido:

-Veja, ela aprendeu a lavar as roupas. Será que a outra vizinha a ensinou?? Porque eu não fiz nada.

O marido calmamente respondeu:

-Não, hoje eu levantei mais cedo e lavei os vidros da nossa janela!

E assim é.

Tudo depende da janela, através da qual observamos os fatos.

Antes de criticar, verifique se você fez alguma coisa para contribuir; verifique seus próprios defeitos e limitações.

Devemos olhar, antes de tudo, para nossa própria casa, para dentro de nós mesmos.

Lave sua vidraça.

Abra sua janela.

Autor desconhecido

Viva Melhor

- Exercite-se em esquecer seus pensamentos negativos
- Seja feliz aqui e agora
- Sonhe! Sonhe muito!
- Faça do seu trabalho

momentos de enriquecimento pessoal

- Pare de culpar os outros
- Agradeça
- Quando disser "sinto muito", olhe a pessoa nos olhos
- Fale devagar, mas pense com rapidez
- Caia na realidade



Solução das charadas:

1. ovo > vovô;
2. ir + mãos;
3. milho > filho

Descendentes no Maranhão

Recebemos e-mails dos irmãos Bruna e Rômulo Dalla Barba, que atualmente residem e cursam Direito na cidade de Imperatriz, no Estado do Maranhão. Leiam:

"Meu nome é Bruna Dalla Barba, tenho 20 anos, nasci em Novo Hamburgo... nossos pais Marcos e Ana Luisa Dalla Barba moram em Alto Parnaíba-MA. Gostaria de dizer que para nós, que estamos distantes, e infelizmente não participamos ainda de nenhum encontro da família,... é uma enorme alegria quando chegamos os informativos na família. É uma sensação gostosa saber que apesar de estarmos sozinhos perdidos no Nordeste, lá no sul, temos uma Grande Família. Um abraço."

"Me chamo Rômulo Dalla Barba, tenho 17 anos e moro em Imperatriz-MA, faço faculdade de Direito e moro com minha irmã, Bruna... também estudante de Direito,... Adoramos quando chega o jornal da família, revemos os primos, os avós, os bisavós, enfim, toda nossa geração de descendentes... um abraço... Rômulo"

Agradecemos a manifestação de carinho. Orgulha-nos que o Boletim esteja ajudando a amenizar a saudade dos familiares que ficaram no Sul. Desejamos pleno sucesso nos estudos. Abraços fraternos.

É importante conhecer suas origens?

por Adriano A Dienstmann

É feliz quem gosta de se lembrar de seus ancestrais, que fala com alegria de seus feitos e de sua grandeza e que, no final da bonita fila, vê colocado, silenciosamente, o seu próprio nome.

Johann Wolfgang von Goethe

O Movimento para resgatar as lembranças da Família

Dienstmann, iniciado há mais de 20 anos pelo Roberto Dienstmann, ganhou força nos últimos dez anos quando nos unimos nesta árdua mas prazerosa tarefa.

A busca pelas nossas origens resultou num apreciável conjunto de imagens, registros históricos e genealógicos, atingindo o seu ápice com a Casa Dienstmann, cujo acervo é constituído de peças autênticas que sempre pertenceram aos membros da nossa família. Além disto, a casa, que abriga o museu da família, edificada em 1895 pelo neto do imigrante, Henrique Dienstmann, e mantida, orgulhosamente, pelo seu descendente Roberto Dienstmann, foi construída sobre o lote que a família recebeu do governo imperial quando chegou ao Brasil em 1827.

Mas afinal, porque é importante conhecer nossos antepassados e nossa história? Goethe, grande poeta alemão, quando afirma que o homem é feliz ao se lembrar dos seus ancestrais, não está exagerando. O ser humano, que é uma criatura sociável por natureza, desde as épocas mais primitivas necessita viver em sociedade para manter seu equilíbrio emocional e se proteger dos perigos do meio hostil em que estava inserido. Atualmente não somos mais ameaçados por animais ferozes mas, por uma das mais terríveis doenças modernas – a solidão – fruto do individualismo e do isolamento. Esta crise se aprofunda porque necessitamos e não encontramos apoio, amparo,



aceitação, reconhecimento e valorização por parte dos indivíduos que compõem o meio social em que vivemos.



Ora, onde está a nossa identidade, onde seremos aceitos e valorizados, sem precisar provar que temos méritos para tal, se não for na nossa própria família?

Biologicamente, somos frutos de sucessivos atos de amor dos nossos pais, avós, bisavós... Os valores morais e éticos, nossa educação são resultado do meio social no qual convivemos desde a infância. É a família que nos educa, fornece amparo psicológico e material para que nos tornemos indivíduos felizes e úteis para a sociedade. A base para o desenvolvimento de indivíduos emocionalmente equilibrados é a família. A valorização desta passa pelo respeito aos mais velhos e pelo reconhecimento da grandeza dos seus feitos. A história familiar não é um amontoado de coisa velhas, cheirando a mofo, mas é a nossa própria identidade que está sendo valorizada, da qual podemos nos orgulhar e nos espelhar para construirmos uma sociedade mais justa e fraterna.

A pesquisa histórica da Família Dienstmann

por Adriano A Dienstmann

A pesquisa histórica é um processo contínuo e cumulativo de dados e informações. Tenho consciência que é um processo infinito de busca. Cada descoberta se transforma numa vitória, cujo júbilo é indescrevível e inimaginável para quem não o vivencia. Foi assim quando recebi o e-mail do Vitor Muniz da Silva de Campo Grande-MS, bisneto de Sibila Dienstmann, pois não tínhamos nenhuma informação desta família. Ou a mensagem dos irmãos Bruna (20) e Rômulo (17) Dalla Barba, dois jovens gaúchos que moram em Imperatriz MA, bisnetos da Selmira Dienstmann (ver entrevista na página 6 deste boletim).

Ou ainda quando recebi da Alemanha as cópias autenticadas das certidões de nascimento dos filhos do casal de imigrantes.

Porém, foi o livro escrito pelo Sr. Walter Zahn, membro da Sociedade Histórica de Bacharach (cidade de origem dos Dienstmann), que realmente me emocionou. A obra, "Os Imigrantes dos Quatro Vales", é um estudo histórico detalhado das famílias que migraram de Bacharach para a América do Sul e do Norte.

Nos orgulha que o autor dedicou algumas páginas do seu livro à Família Dienstmann, ilustrando-as com algumas fotografias.

Por outro lado, o nosso amigo Ulrich Hans Dienstmann, residente em Offenbach, enviou um catálogo contendo todos os endereços dos arquivos e centro de pesquisa da Alemanha que fornecem informações sobre as famílias de origem alemã.

Manifesto a minha gratidão em especial ao amigo e descendente Rolf Martin Dreher, que tem sido incansável na tradução dos textos para o alemão. A pesquisa da Família Dienstmann só avançou tanto devido ao apoio de inúmeros familiares que nos escrevem, telefonam, enviam fotografias e documentos antigos.

Obrigado a todos.

A página da família na internet www.dienstmann.rg3.net continuará sendo atualizada. Desta forma, colocamos à disposição de todos os internautas a história e os feitos dos nossos antepassados que tanto nos orgulham. Continue colaborando enviando sua ficha cadastral, fotos e documentos antigos para comporem nosso acervo familiar.

NÃO SEJAS COMO O PÁSSARO QUE VÊ O GRÃO MAS NÃO A ARAPUCA

JUDAH IBN TIBBON

É PÁScoa!

Novamente está próxima uma data muito significativa para os cristãos, em que é celebrada a ressurreição de Cristo: a Páscoa.

Quantos de nós não recordam com saudades da busca da macela, na sexta-feira santa, antes do nascer do sol?

E da nossa infância, durante os preparativos na semana que antecedia o dia da Páscoa?

Quem não preparou o seu Nest (ninho) forrando o fundo de uma caixa de sapato com barba de pau e revestiu-a com papel colorido cortado em tiras?

Como esquecer aquela eterna mania do Haas (coelho) de esconder os Nest por todo o pátio, entre as folhagens?

E a expectativa da ida até a casa dos padrinhos para ver se o Haas havia estado lá?

Eram bons tempos aqueles e que com certeza nos marcaram muito.

O Boletim Informativo deseja a todos os descendentes Dienstmann uma Páscoa repleta de alegria, com muita saúde e felicidade.

A propósito, para uma reflexão espiritual, leia a mensagem "Lembras de mim?", na página 3.



Quando você pensou que eu não estava olhando, eu olhava ...

E, como seu filho, quero agradecer por todas as coisas que vi quando você pensou que eu não estava olhando.

Fax Meor Hashabat

CONTROLE-SE



Não digas tudo o que sabes
 Não faças tudo o que podes
 Não acredites em tudo o que ouves
 Não gastes tudo o que tens

Porque,

Quem diz tudo o que sabe
 Quem faz tudo o que pode
 Quem acredita em tudo o que ouve,
 Quem gasta tudo o que tem

Muitas vezes,

Diz o que não convém
 Faz o que não deve
 Julga o que não vê
 Gasta o que não pode

Provérbio árabe

EXEMPLO

Os pais só devem aos filhos três coisas:
 Exemplo, Exemplo e Exemplo!

Quando você pensou que eu não estava olhando, eu vi você afixando minha primeira pintura na porta da geladeira e quis fazer mais uma.

Quando você pensou que eu não estava olhando, eu vi você alimentando um gato perdido e pensei que é bom ser gentil com os animais.

Quando você pensou que eu não estava olhando, eu vi você fazer o meu bolo preferido e entendi como pequenas coisas se tornam especiais.

Quando você pensou que eu não estava olhando, eu vi você recitar uma prece e acreditei que existe um Deus a quem eu poderia me dirigir.

Quando você pensou que eu não estava olhando, eu senti você me dando um beijo de boa noite e me senti amado.

Quando você pensou que eu não estava olhando, eu vi lágrimas escorrerem de seus olhos e aprendi que algumas coisas ferem e magoam, mas que não há problema em chorar.

Quando você pensou que eu não estava olhando, eu percebi que você se importava comigo e resolvi dar o máximo de mim.



"Eu estava furioso por não ter sapatos, até que encontrei um homem que não tinha pés - e me dei por satisfeito"

Sabedoria chinesa

O DINHEIRO

"O dinheiro pode comprar



- ... uma casa, mas não um lar.
- ... uma cama, mas não o sono.
- ... um relógio, mas não o tempo.
- ... um livro, mas não o conhecimento.
- ... um título, mas não o respeito.
- ... um médico, mas não a saúde.
- ... o sangue, mas não a vida.
- ... o sexo, mas não o amor."

Provérbio chinês

" O ódio espuma.
 A preguiça se derrama.
 A gula engorda.
 A avareza acumula.
 A luxúria se oferece.
 O orgulho brilha.
 Só a inveja se esconde. "

Zuenir Ventura

SÓ SE SENTE FALTA DE ÁGUA QUAND O POTE ESTÁ VAZIO

ENTREVISTA

Com Selmira Dienstmann Beinder, 88 anos, em Novo Hamburgo-RS

Vamos começar a entrevista pelos seus dados pessoais?

Eu me chamo Selmira Dienstmann Beinder e nasci no interior de Dois Irmãos-RS, na localidade chamada Travessão (hoje Travessão Rübénich), no dia 15 de julho de 1914. Meus pais eram Carolina Catharina Gross e Heinrich Dienstmann. Os avós maternos eram Ana Maria Grub e Pedro Gross e os paternos Ana Catharina Rothmann e Johann Jacob Dienstmann (que chegou ao Brasil com dois anos).

Quais são suas lembranças da infância e da adolescência?

Vivi até os sete anos na localidade onde nasci, no Travessão. Meu pai estava sempre adoentado, com problemas no estômago, e faleceu quando eu tinha entre seis e sete anos. Lembro muito pouco dele. Do meu avô Johann Jacob Dienstmann recordo vagamente que um dia fomos visitá-lo em sua casa quando estava enfermo. Com o falecimento de meu pai minha mãe tomou providências drásticas: mandou-me para morar com meu irmão Otto, em Ivoti, onde estudei por três anos e fiz minha confirmação. Lá eu ajudei a cuidar das crianças (filhos do Otto) e também trabalhei na roça. Logo depois minha mãe mudou-se para Estância Velha com meus irmãos Ophélia, Alonso, Mercedes, Julita, Sibila e Paulina. Lá ela instalou uma pensão (um tipo de hotel simples) onde todos ajudavam a cuidar.

E depois de Estância Velha?

Lá por 1928 minha mãe mudou-se com toda a família para Novo Hamburgo. Fomos morar primeiro numa casa na rua 25 de Julho e depois nos mudamos para a rua Visconde de Taunay. Minhas irmãs Mercedes e Julita casaram e foram morar em Porto Alegre. Na época eu tinha 14 anos e tive que começar a trabalhar. Eu e a irmã Ophélia conseguimos emprego numa fábrica de charutos cujo proprietário era o Sr. Albino Killing. A fábrica ficava onde hoje é a praça do triângulo, em Novo Hamburgo, na esquina das ruas 25 de Julho com Joaquim Nabuco. O nosso serviço era tirar as nervuras das folhas de fumo, colocar o fumo cortado, enrolar com cuidado e acomodar o charuto já pronto numa prensa especial. Para cada 100 charutos feitos ganhávamos, se não me engano, 600 réis de remuneração. O horário de trabalho ia das sete às onze e meia e das treze às dezoito horas. Depois de casada continuei fazendo charutos em casa para o mesmo fabricante.

E quanto aos namoros na época?

Conheci meu marido quando ele passava de bicicleta na frente de casa. Um dia parou e se apresentou dizendo seu nome, Guilherme Beinder. E começamos a namorar. Ele era alemão e chegara ao Brasil com 7 anos. Na época existia uma grande fábrica de molduras em Novo Hamburgo e que pertencia ao Sr. Pedro Alles. O Sr. Alles convidou um experiente profissional do ramo, que morava na Alemanha, para vir trabalhar na sua indústria. Este profissional veio com toda a família para Novo Hamburgo, inclusive um filho de 7 anos que viria a ser depois o meu marido.

Recordo que depois de vários anos pagando aluguel o Sr. Alles nos emprestou o dinheiro para adquirir nossa casa própria.

O Guilherme trabalhou durante mais de 50 anos para o Sr. Alles e em todo esse tempo só se deslocava de bicicleta.

Quais eram os divertimentos na época?

Nossa diversão eram os passeios e os bailes. A Ophélia e eu (nos dávamos muito bem e estávamos sempre juntas) colocávamos nossa melhor roupa, inclusive com chapéu e luvas, e passeávamos nas ruas da cidade, nas praças e às vezes íamos de carro-motor (veículo parecido com bonde que andava nos trilhos do trem) a Porto Alegre visitar nossas irmãs Mercedes e Julita. Em Porto Alegre também íamos passear na rua da Praia e na caixa d'água (hoje rua 24 de outubro), um lugar que eu achava muito bonito.

Quanto aos bailes, costumávamos freqüentar a Sociedade Ginástica de Hamburgo Velho e a Sociedade Atiradores. O meu marido era músico, tocava flauta, e eu sempre o acompanhava quando ele e seu conjunto iam tocar nos bailes. O irmão dele, Antonio, tocava acordeão no mesmo grupo.

Quantos filhos, netos e bisnetos vocês tiveram?

Tivemos duas filhas: Loraine Theresinha e Vaneta Lúcia (falecida em 1994). A filha Loraine casou com Carlos Adolfo Jaeger ("Caió", falecido em 1986) e tiveram quatro filhas: Marisa, Heloisa, Helena e Luciana. A filha Vaneta casou com Daltro Dalla Barba e tiveram quatro filhos: Vânia Mara, Marcos, Dirnei e Daniel.

A neta Marisa tem três filhos: Andrei David, Gabriel David e Diego David. A neta Helena tem um filho: Renan. A neta Vânia tem dois filhos: Tatiana Carina e André Luis. O neto Marcos tem dois filhos: Bruna e Rômulo. O neto Dirnei tem dois filhos:

Patrick e Monique. O neto Daniel tem duas filhas: Daniella e Maria Eduarda.

E já sou até tataravó pois minha bisneta Tatiana tem um casal de gêmeos: Alice e João Victor.

Quais são suas atividades nos dias de hoje?

Faço muito tricô e crochê e participo duas vezes por semana de grupos da Melhor Idade. No Clube da Esperança e no Clube da Saudade (Cavalinho Branco). Gosto muito porque saímos bastante, visitamos outras cidades. E além de almoços e chás sempre têm bailes onde danço e me divirto muito. Estou sempre dançando.

Qual foi um fato triste que marcou sua vida?

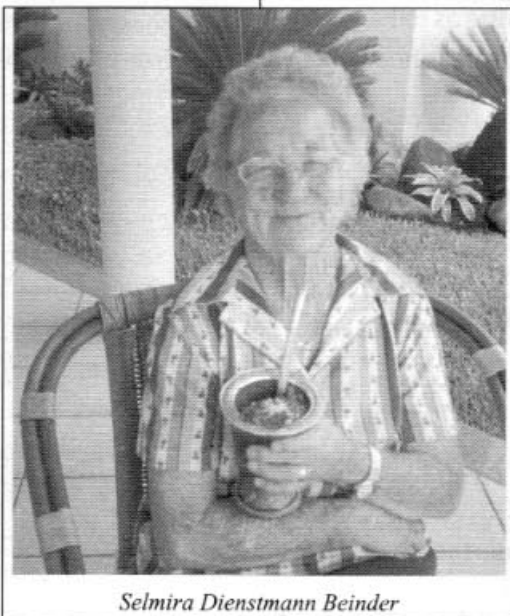
Fiquei muito triste quando faleceu meu marido Guilherme, com quem fui casada por 63 anos. E também senti muito a perda da minha filha Vaneta.

E um momento alegre?

Tive um marido muito bom e nos divertimos muito juntos. Recordo com saudade quando minha irmã Julita e seu marido, também músico, vinham de Porto Alegre de motocicleta e passavam o domingo conosco. Fazíamos um churrasquinho ao meio-dia e enquanto eles tocavam seus instrumentos nós, mulheres, dançávamos. E, é claro, também não faltava uma cervejinha.

Até hoje sou muito alegre, divertida e gosto muito de dançar.

A entrevista com Selmira Dienstmann Beinder foi gravada em vídeo no dia 10/mar/2003



Selmira Dienstmann Beinder